

para o tratamento de resíduos e baixo custo, entre outros outros exemplos que mostram a diversidade de possibilidades de práticas sustentáveis.

No último programa do ano de 2011 foi destacado o papel do profissional ambiental como indutor de sustentabilidade, a partir de histórias sobre a cobertura do Rio de Janeiro por mais de 200 empresas com profissionais que participaram do evento, trazendo também para o debate as expectativas desses entrevistados para o RSC-2012 (para saber mais, veja http://cnpq.com.br/revista_profissionais_ambiental/).



SUSTENTABILIDADE NA PRÁTICA

Um bom exemplo de sustentabilidade no ambiente corporativo é o Programa Ecos do Sistema CNC-SESC-SENAC (Confederação Nacional do Comércio - Serviço Social do Comércio - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), lançado em março de 2010 e direcionado ao público interno das três instituições. Mario Henriques Saladini, funcionário do Sesc Nacional e responsável pelo Programa, conta na entrevista a seguir os avanços alcan-

çados e a importância do Ecos para o fortalecimento de uma cultura cidadã e sintonizada com as demandas de uma economia de baixo carbono.

••• Como o Programa demonstra seu compromisso com as premissas da sustentabilidade?

O Ecos trabalha a sustentabilidade corporativa em quatro subgrupos: gestão, desenvolvimento, capacitação e comunicação. As ações incluem o acompanhamento de indicadores de desempenho ambiental, a manutenção de uma arquitetura ecoeficiente, a produção de relatórios, entre diversas outras. Além disso, procuramos incorporar a cultura sustentável como valor corporativo, por meio da criação e consolidação de documentos referenciais institucionais. O Programa também promove palestras, oficinas e campanhas de conscientização para o público interno das três entidades.

••• Você pode dar alguns exemplos dessas ações?

Destaco as campanhas: Cafezinho consciente (economia de 2.324.000 copos descartáveis), Sacolas plásticas? Não, obrigado! (economia de 37.000 sacolas plásticas) e É ou não é?, esta sobre separação de resíduos. Criamos também a Videoteca Ambiental SESC-SENAC, as placas informativas Ponto Verde e o Plano de Gestão de Resíduos Sólidos (PGRS), o qual contempla a coleta seletiva solidária e os pontos de entrega voluntária para óleo de cozinha e baterias. Oferecemos também oficinas, como a de horta caseira, e cursos como o Construindo Negócios Sustentáveis – Uniethos.

••• Que ações contribuem para a economia verde?

Há muito o Sistema CNC-SESC-SENAC investe na proteção do meio ambiente, sinalizando a transição para uma economia verde. Em 1996, o Departamento Nacional do SESC adquiriu a Estância Ecológica SESC Pantanal, que, além de um centro social de atividades e um hotel sustentável, abriga a maior Reserva Particular do Patrimônio Natural do Brasil. Com 107.996 hectares – quase o mesmo tamanho do Estado do Rio de Janeiro – possui, segundo estudos, um estoque de 7.600.000 toneladas de carbono sequestrado.

Diversas ações socioambientais têm sido desenvolvidas em caráter permanente, com destaque para a estrutura ecoeficiente, que evidencia a visão empreendedora e a preocupação da diretoria com a mitigação dos impactos ambientais. Entre as ecotécnicas implantadas nos Departamentos Nacionais do SESC e do SENAC, podemos citar a estação de tratamento da água, a es-

tação de tratamento de efluentes, a torre de água gelada, descargas a vácuo, temporizador de torneiras, reúso da água para irrigação, além de geradores a gás, aquecedores solares, sistema automatizado de ar-condicionado, vidros laminados, claraboias, lajes e telhados térmicos. Em princípio, um projeto arquitetônico com essas características pode ficar em torno de 25% mais caro, mas, ainda assim, é um ótimo negócio, pois o retorno é garantido, permitindo a migração gradativa para um modelo de economia de baixo carbono.

••• Quais os próximos passos?

O Departamento Nacional do SESC está produzindo sua Política de Sustentabilidade, com o objetivo de internalizar a sustentabilidade como nova forma de gestão. Após sua publicação, será o principal instrumento de apoio ao surgimento de projetos que, assim como o Programa Ecos, promoverão o uso parcimonioso dos recursos e a redução das possíveis externalidades negativas, decorrentes de suas atividades operacionais.

••• Quais os principais desafios empresariais na transição rumo a uma economia verde?

A própria definição de economia verde, criada pelo PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), já é o desafio que as empresas enfrentarão para essa transição: “Melhorar a qualidade de vida e equidade social, reduzindo significativamente os riscos ambientais e a escassez ecológica”. Para que essa transição seja a menos traumática possível, um bom começo é adotar os princípios estabelecidos há 20 anos pela *Agenda 21*, na Eco-92, adequados ao contexto corporativo, de forma que as empresas tenham como prioridade não apenas o forte desempenho econômico, mas a equidade intergeracional, com uma análise equilibrada dos objetivos sociais, econômicos e ambientais. Talvez esse seja um dos grandes desafios, uma vez que a grande competitividade de produtos e serviços no mercado se contrapõe à demanda de investimentos iniciais volumosos para a efetivação de práticas sustentáveis. Será difícil migrar para um modelo de economia de baixo carbono enquanto a sustentabilidade for encarada como mais um custo ou, ainda, como filantropia. Devemos insistir que a sustentabilidade é, sem dúvidas, um ótimo negócio, pois trabalha com valores tangíveis e intangíveis, determinantes para uma gestão empresarial estratégica.

••• Como você avalia a questão da sustentabilidade hoje?

Acredito que vivemos um momento muito oportuno de transição e de ruptura de paradigmas. Apesar de ainda haver certo ceticismo, boa parte da so-

cidade já compreendeu que estamos às vésperas de uma crise ambiental sem precedentes. O apelo da sustentabilidade é a favor da vida, o que induz à adoção de novos valores, capazes de influenciar o cotidiano das pessoas e promover um debate ético sobre a relação do homem com o meio ambiente urbano e natural. Esse processo é longo, permanente e necessário, e seus primeiros resultados provavelmente só poderão ser percebidos pelas gerações futuras. O assunto está em voga e a informação está disponível em profusão na internet. Porém ainda falta coerência entre o discurso e a prática. A sustentabilidade não pode ser apenas verbalizada, ela precisa ser praticada, cotidianamente.

PROGRAMA BOMAS FLORESTAS

A Fundação Amazônica Sustentável (FAS), parceria entre o setor público (Governos do Estado do Amazonas e a iniciativa privada (Banco Bradesco), foi criada em 2007 para implementar o Programa Bomas Florestas, uma proposta inovadora de conservação das populações locais para a conservação das áreas de vegetação nativa daquele estado. A iniciativa atrai também outros parceiros de peso, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e as empresas Coca-Cola, H&M Participações em Produtos, Huelo Martins e Samsung.

Em sua deposição, o superintendente geral da FAS, Virgílio Vianna, destaca a contribuição do Programa Bomas Florestas para a redução da pobreza, melhoria da qualidade de vida e proteção da biodiversidade. O exemplo de geração de renda com base na valorização dos serviços ambientais tem inspirado outras iniciativas nacionais e internacionais.

O Programa Bomas Florestas é o primeiro projeto brasileiro certificado internacionalmente pelo seu papel na conservação florestal. Abrangendo 13 áreas protegidas do Estado do Amazonas, com mais de 20 milhões de hectares de florestas (uma área equivalente ao território de Portugal) e beneficiando cerca de 4 mil famílias. O Programa é realizado de forma participativa com as comunidades atendidas, por meio de quatro componentes: Bomas Florestas Bem-vindo (incentivo à produção sustentável), Social (investimentos em saúde, educação, transporte e comunicação), Associativismo (fortalecimento da associação e controle social do programa) e Família (envolvimento das famílias na redução do desmatamento). Em apenas três anos de existência, temos vários exemplos de ações bem sucedidas.

As boas práticas de coleta e infraestrutura comunitária, realizadas em associação com cooperativas locais, tornam o preço de compra do Brasil maior de R\$ 4,00 para R\$ 18,00 a lata (contendo entre 20 e 22 kg de produtos).